

YASMIM MANSUR

A Hospedaria  
dos *Ventos*

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2024*

## Chega o vendaval

Assim que o Dr. Estevão colocou os pés na entrada da cidade de Uragan, o jornal que carregava saiu voando, atrás de outros que vinham de todas as partes. Era uma revoada de papéis e folhas de árvores anunciando que todos deveriam voltar para casa logo.

O médico analisou a cidadezinha repleta de fachadas desgastadas e antigas, herdadas do período colonial. Era um lugar simpático, com ruas iluminadas pelos raios de sol que encontravam vasto espaço para chegar ao chão visto que as construções eram razoavelmente distantes umas das outras e as áreas públicas eram ornadas por árvores e banquinhos, além do clássico coreto. Tudo muito diferente do amontoado de gente, casas e comércios que formavam a metrópole onde Estevão concluiu a faculdade.

Mas o vento, que insistia em levantar seu chapéu, anunciava que o fenômeno mais estranho e inexplicável que havia visto até então estava prestes a começar. Todos os anos,

durante 5 dias, Uragan era assolada por vendavais furiosos que se iniciavam exatamente ao meio-dia e só se acalmavam na manhã seguinte, às sete horas. Das sete às onze e cinquenta e nove o vento era um pouco mais fraco e os moradores corriam para fazer o que precisassem na cidade e voltar para suas casas antes do horário que o próximo vendaval começaria. Estudiosos de várias partes do mundo tentavam explicar o fenômeno que se tornava ainda mais assustador pelo fato de que os ventos, assim que chegavam na divisa do mapa, simplesmente desapareciam como por mágica. Nenhum sopro de ar passava dos limites da cidade. Pontualmente, no sexto dia às sete horas da manhã, o fenômeno terminava.

Estevão conhecia o caso, e assim que viu o relógio da torre central bater onze e meia, apertou o passo para chegar até a única hospedaria do local.

Quando entrou na rua principal, avistou a placa de madeira entalhada que indicava a Hospedaria Borpiri. O estabelecimento com quatorze quartos ficava em um casarão grande e imponente, mas tão descuidada que parecia saído de um filme de terror. O dono, Jorge Borpiri, era um sujeito desprezível de 50 anos, de estatura mediana, sobranças desalinhadas e modos que encabulariam até o mais grosseiro dos piratas. Era também o homem mais rico da cidade. Fez fortuna pois Uragan era o único traço de civilização no decorrer de oitenta quilômetros da estrada que levava à capital e um sem número de viajantes procuravam seu estabelecimento para descansar antes de continuar até

seus destinos. Jorge passou a vida espantando qualquer pessoa que tentasse montar hospedarias, hotéis, pensões ou qualquer local para hóspedes em seu território. Seus métodos eram desconhecidos, mas muita gente da população local suspeitava de chantagens, extorsões e até assassinatos. Dessa forma, como era a única hospedaria da cidade, Jorge cobrava valores absurdos e acumulava ainda mais dinheiro com o fato de não se preocupar com o estado da casa e muito menos com o conforto dos hóspedes. Além disso, tinha uma pequena taberna no porão onde cobrava valores mais estapafúrdios ainda. — Ou pagam o que peço, ou dormem na rua — Maquinava.

Mas no período dos vendavais os negócios diminuían. Poucas pessoas se arriscavam a passar pela região e o local era habitado apenas pelos poucos hóspedes regulares, deixando vários quartos vazios e uma queda na receita, que era imediatamente compensada ao fim dos cinco dias do fenômeno.

Estevão deu um longo suspiro para criar coragem e entrou.

— Quem é você? O que faz aqui? — Exclamou Lavínia, a governanta que também era obrigada a recepcionar os hóspedes.

— Bom dia — Respondeu Estevão, observando a exótica figura.

Lavínia não era feia, mas seu mau humor a tornava um tanto assustadora. Tinha 51 anos e desde os 14 trabalhava na hospedaria Borpiri, quando ainda era administrada por

sua madrinha, mãe de Jorge. Nunca havia saído de Uragan e não via nenhuma graça na vida, passava os dias recolhendo roupas de cama e fazendo sala para pessoas que chegavam e partiam, além de cuidar dos afazeres da taberna improvisada. Detestava suas funções, que de governanta só tinham o título, pois era quem fazia tudo no local visto que Jorge era sovina demais para contratar mais pessoas. A única coisa que não fazia era comida, essa era a função de Plínio, um hóspede que sonhava em ser *chef* de cozinha.

— Gostaria de um quarto, por gentileza — Disse Estevão.

— Bem, temos vários, ninguém é louco de vir para cá nessa época do ano — Respondeu Lavínia enquanto lutava contra o vendaval para fechar a pesada porta de madeira que resistia com a força de um navio.

Eram exatamente doze horas.

A governanta olhou Estevão da cabeça aos pés. Era um homem lindo, alto, esguio, de cabelos encaracolados, com traços de gente inteligente. Calculou que deveria ter entre 25 e 30 anos.

— O senhor é médico? — Deduziu vendo o jaleco, amassado pelo vento, pendurado na alça da maleta de couro que Estevão carregava.

— Sou. Gostaria de um quarto, por gentileza — Repetiu Estevão.

— O que faz na cidade? Não sabe que é uma época perigosa?

— Sei sim. Estou indo resolver algumas questões de família, infelizmente cheguei no início do vendaval e presumo

que terei que esperar os cinco dias se passarem por aqui mesmo. Gostaria de um quarto, por gentileza.

— Já conhecia a região? — Lavínia continuou.

— Lavínia, o doutor gostaria de um quarto, por gentileza. Até eu que não estava na sala já ouvi duas vezes. — Disse uma voz que vinha do corredor.

Era dona Quitéria, uma mulher de 44 anos com aparência tão extravagante que os olhos chegavam a arder. Usava um vestido longo com tantas cores que era difícil contar, além de pulseiras e anéis que seriam suficientes para abrir uma pequena joalheria. Passou grande parte da vida morando na capital com o marido, um oficial de alta patente do exército, que reprimia fortemente seu jeito, com quem seu pai a obrigara a casar. Quando ficou viúva, saiu sem rumo até chegar a Uragan, onde resolveu se estabelecer. Achou que a pequena cidade seria ótima para apagar o passado e adorava o jeito que a população conservadora se escandalizava com seus hábitos. Não queria tomar conta de uma casa e achou providencial a ideia de morar na hospedaria, afinal, não teria afazeres domésticos e tinha dinheiro suficiente para pagar pelo local por muito tempo.

— Pare de incomodar o homem com suas perguntas e lhe dê logo uma chave. Inclusive, o quarto ao lado do meu está vazio... — Disse Quitéria, analisando o médico.

Lavínia jogou estupidamente uma chave no balcão:

— Bom, seu Jorge ficará feliz em saber que tem mais um hóspede. Quanto ao valor, bem, o senhor sabe, nosso serviço é de excelência e talvez não esteja acostumado a valores tão robustos em cidades tão pequenas, mas...

— O valor não me importa. Agora, se as senhoras me dão licença, estou um tanto exausto e gostaria de conhecer meus aposentos — Respondeu de forma incomumente abrupta, coisa que não era habitual visto sua grande gentileza.

— Eu mostro ao doutor onde fica — Disse dona Quitéria tomada por más — ou ótimas — intenções.

\* \* \*

— Feche essa janela, seu inútil! — Seu Jorge gritava enquanto Juarez voava junto com a cortina, tentando unir forças para empurrar os dois lados da janela e girar o trinco.

— Ai, consegui! Ufa! Como é forte esse vento — Respondeu Juarez.

— O vento é forte e você é um fraco. Nunca vi garoto tão magrelo — Espezinhou seu Jorge.

Juarez era um garoto inteligente e gentil de 16 anos. Sua mãe, irmã de Jorge, havia se exilado em outro país após ser acusada de integrar um dos partidos políticos jogados na ilegalidade pelo governo da época e Juarez teve que ficar com o tio. Tinha o sonho de reencontrá-la, mas não sabia se seria possível. Jorge, por sua vez, fazia de tudo para incomodar o sobrinho, achava o rapaz frágil demais, sem ambições e muito “mole” com as pessoas. O fazia de empregado, o obrigando a fazer compras na cidade e ajudar Lavínia nos afazeres. Juarez não se importava de ajudar, mas se entristecia com o jeito como o tio o tratava.

— Agora saia daqui e vá ver se Lavínia precisa de ajuda. Já que teremos que ficar trancados aqui até amanhã de manhã, vá caçar algo para fazer — Disse seu Jorge, expulsando o sobrinho do quarto.

Juarez saiu e ouviu uma cantoria no quarto em frente.

— Você sabe que deveria seguir carreira na música, não sabe? — Disse Juarez abrindo a porta do quarto de Maria Palmeira, outra hóspede regular.

— Pare com isso, menino — Divertiu-se Maria — Nasci para ser jornalista, assim como meu pai.

Maria era uma moça de 30 anos que morava na hospedaria desde que seu pai, jornalista, fora preso na capital, também acusado de lutar contra o governo da época. Ela então fugiu e se estabeleceu em Uragan para esperar o tempo em que seu pai seria libertado. Pagava pela estadia com o dinheiro que escondia nos livros da imensa biblioteca da casa onde morava. Queria seguir a mesma carreira do pai e passava o tempo livre criando pequenas reportagens fictícias, já que nada de interessante acontecia na cidade.

— Bem, vou até a taberna — Disse Juarez — Pela manhã fui comprar alguns ingredientes esquisitíssimos que Plínio me pediu para o jantar de hoje, então, pelo bem de todos nós vou ver o que diabos ele está fazendo na cozinha.

— Vá, querido — Respondeu Maria, rindo — Nos vemos no jantar.

Assim que Juarez saiu, Maria pegou um caderno em branco, reservado para a primeira reportagem real que escreveria, embora não soubesse quando isso ia acontecer.





**CONTATO:**

*yasmimkayat@gmail.com*



# LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em ITC New Baskerville Std pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em março de 2024.

---